ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

SIMILARIDADES ENTRE MOÇAMBIQUE E A FIGURA FEMININA NO CONTO *O CESTO*, DE MIA COUTO

Similarities between Mozambique and female figure in the tale O Cesto, *by Mia Couto*

Cristian Paula Santana[i]
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Resumo: Este artigo tem por objetivo evidenciaras relações entre colonização e condição social feminina, eos diálogos entre a pós-colonização de Moçambique e a conscientização da mulherenquanto sujeito presentes no conto *O cesto,*do escritor moçambicano Mia Couto.Para tanto, discutiremos as implicações encontradas para a construção das identidades pós-coloniais, especialmentea feminina. Para nos auxiliar, dialogamos com Stuart Hall (2011) e sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade,*para trabalharmos a questão das identidades no conto; Thomas Bonnici (2007) com suas teorias literárias; Bhabha (1998),que analisa as culturas; Eliade (1992), com *O sagrado e o profano,* Bourdieu(2004),que aborda o poder dos símbolos na sociedade, entre outros teóricos.

Palavras-chaves: Mulher; pós-colonização; Moçambique.

Abstract: This article aims to evidence the connections between colonization and social condition of the female figure, and the dialogues between the post-colonization of Mozambique and awareness of women as a subject presents in the tale O cesto of the Mozambican writer Mia Couto. Later, we discuss the implications founds for the construction of postcolonial identities, in prominence the feminine identity. To assist us, we dialogue with Stuart Hall (2011) with the work *A identidade cultural napós-modernidade* to work the question of identities in the tale; Thomas Bonnici (2007) with his literary theories; Bhabha (1998) that analyze cultures; Eliade (1992) with *O sagrado e o profano*, Bourdieu (2004) which deals with the power of symbols in society and other theorists.

Key-words: Woman; post-colonization; Mozambique.

Introdução

O conto *O cesto*apresenta, de maneira poética, a condição da mulher na sociedade moçambicana. Uma condição permeada pelas influências da história do país, resultando,assim,na mulher como um objeto duplamente colonizado. Para estaapresentação, Mia Couto utiliza-se de mecanismos para ilustrar as identidades e as práticas social/cotidiana dessas mulheres. As práticas são aqui compreendidas em conformidade com Michel de Certeau (1998, p. 109), quando disse que "As práticas cotidianas estão na dependência de um grande conjunto, difícil de delimitar e que, a título provisório, pode ser designado como o dos procedimentos." Assim,

compreendemos as práticas sociais como procedimentos, ações cotidianas, historicamente construídas e capazes de influenciar identidades.

Também trabalhamos a questão das práticas sociais em conformidade com Pierre Bourdieu (2004), que pensa as práticas e as formas sociaisde formasocialmente determinadas e específicas de grupos particulares, fazendo, assim, com que o resultado dessas práticas seja a formação de identidades fragmentadas, contraditórias e em permanente mudança (HALL, 2011).

Um dos elementos utilizados pelo autor para transpor a realidade moçambicana para o leitor é a representação simbólica, que tem por objetivo apresentar a realidade de diversas maneiras como, por exemplo, através de crenças, fatos, situações e mitos.

Por sua vez, os mitos são aqui entendidos de acordo com a seguinte definição de MirceaEliade (1972):

> ... o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio". Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade que passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. (p.9)

É por meio dos mitos que identificamos um povo, uma comunidade, pois é através deles que a realidade é expressa e, consequentemente, cada povo tem suas subjetividades, sua forma de percepção e expressão da realidade, sua maneira de conceber a origem da vida, a humanidade, seus medos, etc. Portanto, são os mitos que diferenciam os povos.

É de suma importância salientarmos,também, que os símbolos não servem apenas como uma forma de representação da realidade, mas também são formas de integração social (BOURDIEU, 2004), ou seja, através dos símbolos se faz a comunicação de forma indireta, e se efetua diferentes maneiras de conhecimento entre gerações distintas.

Sendo assim, objetivamos,nesta análise, detectar as representações simbólicas utilizadas no conto *O cesto*porMia Couto ,construindo uma identidade moçambicana para o leitor. Para este objetivo dividiremos o conto em duas partes nas quais constam elementos em que figuram os diferentes momentos da vida da personagem e, alegoricamente, diferentes momentos da história da nação moçambicana.

É mister mencionarmos que a personagem feminina do conto é análoga à Moçambique pois, assim como o país foi colonizado, também a mulher sofreu com o patriarcalismo predominante na sociedade. E da mesma forma queo país se encontra atualmente pós-colonizado, a mulher, no conto, se vê livre da opressão de seu marido. Thomas Bonnici (2007) já observou anteriormente essas relações existentes entre o pós-colonialismo e a situação da mulher. Para o autor,

> Há muita semelhança entre a experiência da mulher no patriarcalismo e a experiência do sujeito colonizado, contra os quais o feminismo e o pós-colonialismo reagem. O feminismo e o pós-colonialismo têm discutido sobre a política de representação e de **identidade** especialmente através da **linguagem**. (p. 209)

Sendo assim, analisaremos o conto *O cesto* pensando a mulher duplamente colonizada e as relações análogas entre a figura feminina e Moçambique. Observaremos, também, como são construídas as identidades do homem e da mulher moçambicanos através dos símbolos e da linguagem presentes no conto de Mia Couto.

Lembrando ainda que, apesar de apresentar a situação da mulher, o conto é de autoria masculina, fato muito corrente na literatura, como já observou Assis Duarte (2002) quando disse que,

> ... as mulheres sofreram ao longo da história um processo de silenciamento e exclusão. O sujeito que fala é sempre masculino, na literatura, na lei e na tribuna. A ele são reservados os lugares de destaque, tornando o homem mais visível. (p. 175)

Ora, só pelo fato do conto ser de autoria masculina, constatamos que a mulher ainda não conquistou totalmente sua voz e autonomia no campo da sociedade e,tampouco, na literatura. Mas, como veremos logo adiante, a mulher é representada pelo autor como um sujeito que está buscando a sua própria identidade, espaço e voz na sociedade.

Atualmente a figura feminina está compreendendo a sua força e seu poder de transformação da sociedade. E essas transformações podem ser constatadas nas diversas áreas sociais, independente das diferenças de cor, religião, classe social, etc.

Assim, a escrita de Couto não busca perpetuar o patriarcalismo e o servilismo da mulher durante o colonialismo, ao contrário, o autor busca desconstruir uma imagem atribuída à mulher que já foi cultivada por muitos anos e até percebida como normal pela própria figura feminina. Através da linguagem vemos que, da mesma maneira que Moçambique se

encontra no pós-colonialismo, a mulher também pode se inserir numa espécie de *pós-patriarcalismo*.

A primeira parte do conto, referente aos seis parágrafos iniciais, trata da forma como a figura feminina é construída em conformidade com o patriarcalismo (BONNICI, 2007, p. 198), ou seja, construída a partir do "... controle e a repressão da mulher pela sociedade masculina."; também trata, de uma forma análoga, da colonização de Moçambique, da maneira como foram ignoradas sua cultura, sua história, sua língua, submetidas à vontade dos colonizadores portugueses (europeus).

Já o restante do conto ocupa-se em retratar a forma como esta mulher sonha em se libertar de seu marido e se reconstruir nos mostrando o comportamento da personagem ante a sua nova realidade. De forma análoga, vemos como ficou a situação de Moçambique pós-guerra/independência e como se encontra a atual identidade dos povos moçambicanos depois de terem seus direitos corrompidos.

Após traçarmos as comparações entre a mulher e Moçambique nos dois momentos acima citados, (pós)patriarcalismo e (pós) colonização, discutiremos, a partir da análise do conto,a atual situação identitária tanto da mulher quanto do homem pós-colonizados, e também quais foram as influências e dificuldades para a formação dessa nova identidade.

O apagamento em vida

Como dito anteriormente, neste primeiro momento falaremos da mulher enquanto objeto. Para que a personagem possa sobreviver na sociedade é necessário que ela morra para os seus sonhos, seus desejos, suas escolhas e passe a obedecer às ordens de seu marido e se comportar em conformidade com as práticas sociais que regem a sociedade em que vive. Enfim, é necessário que ela se ausente de sua própria vida e se silencie.

É preciso que a mulher entre em acordo com um tipo de poder invisível exercido simbolicamente pelo homem (BOURDIEU, 2004). Tal poder só pode ser exercido se quem o sofrer consentir, ou seja, a mulher sofre a opressão a partir do momento em que se dispõe e aceita sofrer. Mas essa aceitação não é simples e só é efetivada após muita relutância.

Aceita-se tal opressão porque trata-se de algo construído historicamente e internalizado, visto como "normal" na sociedade, do qual sem ele "não seria possível viver", pois nossos antepassados já conviviam assim. É desta maneira que é incutida a ideologia patriarcalista em todos os níveis sociais, fazendo, assim, com que as ideologias sejam transmitidas de geração em geração de forma que a maioria não as perceba.

Consequentemente, como dito anteriormente, a mulher torna-se duplamente colonizada: por se inserir no grupo dos povos colonizados e no grupo das mulheres, constituindo-se, dessa forma, segundo Bonnici (2007)

> ... objeto do poder imperial em geral e da opressão patriarcal colonial e doméstica. O fim do colonialismo e o entrelaçamento deste com o patriarcalismo durante a era colonial não aboliram a opressão da mulher nas ex-colônias. (p. 67)

Da mesma maneira que a mulher em relação ao marido, Moçambique, ao ser colonizada por Portugal, teve que se calar, acatar as ordens de seu colonizador tendo por muito tempo suas crenças, mitos, cultura e religião suprimidos e substituídos por outras práticas ditas superiores sem ao menos ter a oportunidade de demonstrar sua riqueza cultural. Assim, tanto a mulher quanto o país, sofrem aquilo que Pierre Bourdieu (2004) chama de *O Poder Simbólico*. Segundo o autor este é

> ... um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo [...] supõe [...] o *conformismo lógico,* quer dizer, << uma concepção homogénea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências>>. (p. 9)

Este poder foi e ainda é,em muitos lugares, difundido através da língua, das leis, das representações, da literatura do colonizador. Mas, como vemos atualmente, as crenças, os mitos, a música, a cultura de Moçambique, apesar de tudo, não se perderam e hoje estão ganhando força, espaço, respeito, voz e autonomia.

Como meio de expressar a condição de submissão e servilismo da mulher, em analogia à própria condição de Moçambique, o autor utiliza diversos símbolos, na maioria religiosos, os quais analisaremos a seguir. Estes símbolos conferem à prosa de Mia Couto o patamar de poesia em prosa.

No primeiro parágrafo, podemos detectar a presença de um símbolo religioso através da seguinte frase "*Vivo num rio sem fundo***,** meus pés de noite se levantam da cama e vagueiam para fora do meu corpo." (COUTO, 2009, p. 09). MirceaEliade em *O sagrado e o Profano*(1992)atribui um nome específico a este tipo de simbolismo: Simbolismo Aquático. Segundo o autor,

> Em qualquer conjunto religioso em que as encontremos, as águas conservam invariavelmente sua função: desintegram, abolem as formas, 'lavam os pecados', purificam e, ao mesmo tempo, regeneram. (p. 66)

Assim, constatamos que, ao dizer que vive em um rio sem fundo, a personagem também está dizendo que vive em uma desintegração e regeneração de si mesma, que se encontra em um estado de espera de seu próprio renascimento. Da mesma maneira, Moçambique está passando por esta busca de um renascimento, de uma conquista de si própria, de um desprendimento do Outro, enfim, de busca de uma identidade própria após a conquista da sua independência. Ao continuar a leitura do parágrafo notamos que essas desintegrações e regenerações são constantes na vida da personagem:"Como se, afinal, o meu marido continuasse dormindo a meu lado e eu, *como sempre fiz*, me retirasse para outro quarto no meio da noite. Tínhamos não camas separadas, mas sonos apartados." (COUTO, 2009, p. 9)

A mulher vive em constante espera de sua liberdade e também é apresentada como um sujeito sem voz, muda na sociedade e passiva ante a sua capacidade de mudança. Exemplificado no seguinte trecho:

> Hoje será como todos os dias: lhe falarei, junto ao leito, mas ele não me escutará. Não será essa a diferença. Ele nunca me escutou. [...] Desde o mês passado que evito falar. Prefiro o silêncio, que condiz melhor com a minha alma...Agora, pelo menos, já não sou mais corrigida. Já não recebo enxovalho, ordem de calar, de abafar o riso. (COUTO, 2009, p. 9)

Incapaz de expressar a sua situação como se sua existência fosse omitida (BONNICI, 2007), como se nunca tivesse realmente vivido sua própria vida, a personagem se conforma com aquilo que nunca lhe foi negado: o direito (dever) ao silêncio. E este silêncio que lhe resta é o que lhe dará suporte para voltar à vida.

Assim podemos destacar que a personagem feminina pode ser considerada sem identidade própria, ou simplesmente dotada de uma identidade modificada e estereotipada pela sociedade. Stuart Hall (2011),ao estudar os diferentes conceitos de identidade, identificou o sujeito do Iluminismo, que se encaixa na representação da mulher deste conto. Segundo o autor o

> ... sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo 'centro' consistia num núcleo interior, que pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo- continuo e `idêntico´ a ela- ao longo da existência do indivíduo. (p. 10-11)

Pelo fato do sujeito do Iluminismo ser considerado pelo senso comum como moralmente aceito, o sujeito modelo, tem-se a crença em

uma eterna realidade sem perspectivas de mudança, na qual a mulher sempre se calará, sempre acataráas ordens do homem, sempre será considerada mais fraca, menos capaz, menos digna e sempre inferior.

Mas como veremos adiante, essa ideologia está seriamente em risco em nossa atual sociedade. Este fato é resultado da inconcordância das mulheres em sofrerem um poder o qual lhes priva da sua própria identidade, de suas escolhas e lhes obriga a morrer lentamente em vida, contentando-se com o único meio de escape: o sonho.

Renascer das cinzas

A partir do sétimo parágrafo não mais encontramos os elementos de representação da situação de submissão da mulher, ou seja, a desintegração; pois aí já vemos os elementos que caracterizam a outra face da mulher moçambicana: a sua capacidade de regenerar-se.Nesse momento a personagem passa a ter voz, mesmo que seja de forma imaginativa através do papel, como em:

> Nas cartas, o meu homem ganharia distância. Mais que distância: ausência. No papel, eu me permitiria dizer tudo o que nunca ousei.
> E renovo promessa: sim, eu lhe escreveria uma carta, feita só de desabotoada gargalhada, decote descaído, feita de tudo o que ele nunca me autorizou. E nessa carta, ganharia coragem e proclamaria:
> - Você, marido, enquanto vivo me impediu de viver. Não me vai fazer gastar mais vida, fazendo demorar, infinita, a despedida. (COUTO, 2009, p. 9)

Interessante notar que, neste ponto, Mia Couto faz uma analogia à sua própria escrita, pois a personagem usa a escrita como forma de se libertar, de ganhar voz, e o escritor faz exatamente isso: através de sua escrita dá voz àqueles de margem na sociedade moçambicana, principalmente às personagens femininas que, em suas obras, geralmente representam Moçambique.

Não só um doador de voz, Couto também atua como historiador das representações moçambicanas, pois o autor relaciona o passado, o presente e o futuro em suas obras. A história das representações assume diversas formas, como afirmou Jacques Le Goff (1990) quando disse que a

> ... história das concepções globais da sociedade ou história das ideologias; história das estruturas mentais comuns a uma categoria social, a uma sociedade, a uma época, ou história das mentalidades; história das produções do espírito estão ligadas

> não ao texto, à palavra, ao gesto, mas à imagem, ou história do imaginário... (p. 3)

Então é dessa maneira que a escrita do autor é compreendida como partícipe da literatura pós-colonial, ou seja, é através de sua escrita que Couto retrata a cultura de Moçambique influenciada pelo processo de colonização, que era forçada a se apropriar da identidade do colonizador, seja através dos costumes, da língua ou da cultura.

Também é através da escrita que o autor busca evidenciar a atual identidade do povo moçambicano. Mia Couto também ajuda a formar essa nova identidade no imaginário do leitor estrangeiro através de suas obras, já que, apesar de escrever sobre o povo moçambicano, seus leitores são na maioria estrangeiros, em decorrência de Moçambique possuir altos índices de analfabetismo. Pode-se dizer, assim, que a identidade Moçambicana é pós-moderna, resultante tanto da globalização quanto da pós-colonização. Segundo Hall (2011), atualmente

> O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu'coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (p. 13)

Ainda a respeito da passividade, da falta de voz e espaço da mulher, encontramos mais fragmentos do conto que reforçam essa imagem difundida pelo autor: "A sua vida me apagou. A sua morte me fará nascer. Oxalá você morra, sim, e quanto antes." (COUTO, 2009, p. 10)Nota-se que a personagem feminina é consciente de sua situação, mas anseia mudá-la e ter sua própria identidade.

Bhabha (1998) já disse que o primeiro elemento no processo de aquisição da identidade é a alteridade, ou seja, a partir do momento em que o objeto (colonizado) se confronta em relação ao colonizador (sujeito), ao Outro branco, ele é chamado à existência e passa a ser sujeito (pós-colonizado) dotado de uma identidade própria. Essa identidade, por sua vez, torna-se plural em decorrência das diversas influências europeias durante a colonização e pelas atuais influências do processo de globalização.

Outro símbolo utilizado por Mia Couto no conto é o espelho, com uma função específica, que Bonnici (2007, p. 79) atribui o nome de *Estágio do Espelho*. Segundo o teórico, "O estágio do espelho é a transição do estágio Imaginário ao Simbólico, ou seja, a transição para a aquisição da subjetividade, da linguagem e da consciência da diferenciação." Dessa

maneira, vemos a transformação que a figura do espelho no conto confere à personagem feminina.

Inicialmente, o objeto funciona como uma espécie de constatação da perda da identidade, como se, com o passar do tempo, a personagem perdesse sua subjetividade em consequência de sua vida inativa. Como no fragmento: "Há muito que não me detenho no espelho. Sei que, se me olhar, não reconhecerei os olhos que me olham." (COUTO, 2009, p. 9) Posteriormente, temos o seguinte trecho:

> Estou de saída, para a minha rotina de visitadora quando, de passagem pelo corredor, reparo que o pano que cobria o espelho havia tombado. Sem querer, noto o meu reflexo. Recuo dois passos e me contemplo como nunca antes o fizera... Mais ainda depois de descobrir no espelho essa luz que, toda a vida, se sepultara em mim. (COUTO, 2009, p. 9)

Nota-se que é através do espelho que a personagem feminina percebe-se humana e viva. A partir desse momento ela passa a perceber a sua existência e a capacidade de transformação da própria realidade. No instante em que se contempla no espelho, a personagem retoma a sua subjetividade, sua real identidade, e se conscientiza que esteve por muito tempo sujeita à vontade do marido.

Percebemos também que a personagem era consciente de seu apagamento diante da vida. Talvez tenha sido esse o fato (consciência) que fez com que ela continuasse a sonhar com a sua liberdade, mesmo através das cartas. A partir do momento em que se percebe uma situação de submissão, automaticamente essa situação torna-se arriscada. Este risco se deve ao fato de que, enquanto não se tem consciência de sua situação, seja por parte de quem exerce o poder ou de quem o sofre, torna-se impensável uma mudança de atitude, pois a situação é vista como normal.

Quando finalmente se encontra liberta do marido, a mulher, contraditoriamente, fica sem rumo:

> Saio do hospital à espera de ser tomada por essa nova mulher que em mim se anunciava. Ao contrário de um alívio, porém, me acontece o desabar do relâmpago sem chão onde tombar. Em lugar do queixo altivo, do passo estudado, eu me desalinho em pranto. (COUTO, 2009, p. 10)

Essa atitude decorre do fato de que, quando o marido estava vivo era ele quem dava suporte à mulher e ditava as normas que ela deveria seguir, então, após a sua morte, ela fica sem um caminho, pois ainda não firmou sua própria identidade. Neste momento a mulher está deslocada, pois apesar de ter sonhado tanto com sua liberdade, ela não imaginava

que receberia tão logo a sua alforria. Assim, se depara com uma nova realidade: enquanto que no passado suas escolhas, seu livre agir era impedido, agora ela será livre enfim de todas as repressões e ordens do marido, mas não aprendeu o que fazer com a tão sonhada liberdade.

Assim também aconteceu com Moçambique após sua independência de Portugal: viu-se sem um estereótipo, um modelo a seguir, mas em pouco tempo se faz ciente de sua própria história, pois hoje em dia está lutando para conquistar uma independência cultural, tornar-se sujeito de sua transformação.

Mas vale mencionar que essa identidade pós-colonial será resultado de todas as influências sofridas pelo país. Formar-se-á através da fusão entre as culturas, as crenças e as línguas de Moçambique e de Portugal, pois apesar de Moçambique não ser mais uma colônia, é inevitável que mais de quatrocentos anos de colonização não deixem nenhuma influência.

A personagem, ao contrário do que se esperava, não fica contente com a morte do marido, pois ela também encara a morte não como um fim, mas como parte de um processo cíclico no qual a morte é apenas uma nova etapa da vida. Pois de acordo com Eliade (1992, p. 104) nessa concepção de vida, "... tudo acontece de maneira cíclica, a morte é inevitavelmente seguida da ressurreição, o cataclismo, por uma nova Criação." É como se após a independência de Moçambique, o país temesse outra colonização, que de fato é o que está acontecendo. Após livrar-se das imposições coloniais de Portugal, Moçambique sofre atualmente as imposições globais das grandes potências, a começar pela Língua Inglesa, hegemônica mundialmente.

Por fim, Mia Couto insere outro símbolo religioso no conto: "Sobre a minha casa de novo se tinha posto o *céu*, mais vivo que eu."(COUTO, 2009, p. 10) Essa relação da personagem com o céu é uma relação simbólica de proximidade com a figura divina, como afirma Eliade (1992) quando diz que

> A simples contemplação da abóbada celeste é suficiente para desencadear uma experiência religiosa. [...] O Céu revela, por seu próprio modo de ser, a transcendência, a força, a eternidade. Ele existe de uma maneira absoluta, pois é elevado, infinito, eterno, poderoso. (p. 60)

Além de relacionar a personagem coma figura divina, océu também desempenha outro papel no conto. Em um primeiro momento ele simboliza a falta de voz, o apagamento da mulher e,em seguida, o

aparecimento do céu confere à vida da personagem liberdade e voz. Esses momentos distintos são ilustrados nos trechos:

> Onde eu vivo não é na sombra. É por detrás do sol, onde toda a luz há muito se pôs. [...] Pela primeira vez, há céu sobre a minha casa. [..] Sobre a minha casa de novo se tinha posto o céu, mais vivo que eu. (COUTO, 2009, p. 9- 10)

Veja que, enquanto a mulher estava sem voz não havia luz para lhe iluminar, como se a sua existência não fosse notada. Mas, a partir do momento em que se encontra livre do marido, o céu passa a estar novamente com ela, como forma de amparo e reconhecimento da sua existência.

O cesto simboliza no texto mais uma das práticas sociais às quais a mulher é sujeita. No conto ele recebe como principal característica a *inutilidade*, por significar apenas mais um dos deveres da mulher, o qual ela cumpre mesmo que não tenha serventia alguma, pois de que vale levar comida no cesto quando o marido está à beira da morte?

Voltando às analogias miacoutianas, em uma leitura mais atenta constatamos que não há somente uma analogia entre a figura feminina e Moçambique, mas também entre a personagem feminina e o cesto. A mulher partilha com o cesto algumas características identitárias, como em:

> Minha única ocupação é o quotidiano *cesto* onde embalo os presentes para o meu adoecido esposo... Ajeito no fatídico *cesto* o farnel do dia...O *cesto* cai-me da mão, como se tivesse ganhado alma... Ainda hesito perante o *cesto*. Nunca antes eu o vira assim, desvalido. Vitória é eu dar costas a esse inuntensílio. [...] Amanhã, tenho que me lembrar para não preparar o *cesto*da visita. (COUTO, 2009 p.9-11) (grifos meus)

Note que, assim como a personagem, o cesto ao longo do texto vai assumindo diferentes características. Inicialmente, assim como o cesto, a vida da personagem é algo monótono e previsível, logo após se deparar com o espelho a mulher torna-se consciente de sua situação, coincidentemente é neste momento que o cesto cai das mãos da mulher como se tivesse ganhado alma. E, por fim, quando a mulher perde o marido e ganha a liberdade, é necessário que não prepare mais o cesto para a visita, assim como é necessário que ela lembre que perdeu o marido e não precisa mais visitá-lo.

As identidades pós-coloniais

As identidades pós-coloniais são formadas a partir do longo processo de independência. Esse processo não se restringe ao campo político e econômico, mas cultural e linguístico também. Quando um país é colonizado, o colonizador tem o poder de impor sua língua, sua religião, mas jamais consegue impor totalmente sua cultura. E é exatamente através da cultura que podemos identificar as identidades. Segundo Hall (2011, p. 38)"... a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento." Dessa forma, não podemos pensar em uma identidade moçambicana pura e única, mas diversa e plural.

Portanto é indiscutível a parcela de influências deixadas por Portugal para a constituição da identidade moçambicana. Por exemplo, apesar de existirem em Moçambique diversos dialetos, incluindo variedades do crioulo, foi oficializada no mesmo ano de independência do país (1975) a Língua Portuguesa, por se tratar de uma língua de prestígio e de ascensão social. Sobre a língua relacionada à identidade, Hall (2011) diz que

> Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. (p. 40)

Essa identidade linguística de Moçambique também tem como influência Portugal. Se não houvesse colonização os moçambicanos não iriam se unir a fim de criar um dialeto-código (Crioulo) com domínio de influência da Língua Portuguesa. Ou seja, não podemos falar que os moçambicanos (estende-se para toda a África) possuem uma identidade pura e una, pois sofreram o processo de colonização e nenhuma guerra de independência irá apagar os resquícios deixados pelos países colonizadores.Ainda de acordo com Hall (2011)

> ... as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação.* [...] as identidades nacionais foram uma vez centradas, coerentes e inteiras, mas que estão sendo agora deslocadas pelos processos de globalização. (p. 49-50)

Com estas reflexões podemos constatar que toda a identidade moçambicana foi construída através das representações, sejam por meio de histórias repassadas de forma oral de geração em geração, ou através da história do país convencionalizada e difundida pelos meios de comunicação.

A própria figura feminina também carrega em si uma representação simbólica. Como dito anteriormente, a mulher no conto é análoga à nação moçambicana, o seu marido é comparável ao colonizador português, a morte ao fim da colonização e à continuação da vida da personagem, depois da morte de seu marido, compara-se ao atual momento de pós-colonização. Dessa forma, tudo o que a mulher teve de seu marido (correções, enxovalhos, ordens de calar, ordens de abafar o riso) referem-se às inúmeras ordens de Portugal para Moçambique.

A morte no conto simboliza o processo de independência que Moçambique passou através da guerra de 1975. E, como dito anteriormente, assim como a personagem após a morte do marido, Moçambique após a independência se vê sem um rumo a seguir, pois a guerra deixa também a destruição de um pensamento pronto ao qual os moçambicanos deviam obedecer. De acordo com Bonnici (2007)

> ... as mulheres dos países que conquistaram a independência tinham de continuar a luta para que a ideologia patriarcal tradicional pudesse ser transformada e atitudes mais igualitárias adotadas [...] A emancipação feminina continua sendo uma luta no período pós-colonial e um desafio para que a mulher, outrora duplamente colonizada, possa continuar sendo agente de sua história. (p.111-112)

Assim, podemos constatar que a liberdade feminina é mais complexa, pois ela precisa se desprender da opressão de fazer parte da ex-colônia e da opressão de ser mulher, e ainda adquirir autonomia para fazer suas próprias escolhas tornando-se, assim, sujeito de sua história.

Considerações finais

Concluindo, em *O cesto* podemos ver, de forma análoga, todos os processos por que passaram a mulher moçambicana e o país como um todo durante a sua história. Primeiro um longo período de silenciamento, comparado no conto com o casamento da personagem. Em seguida, vemos a tomada de consciência do povo moçambicano, na condição de objeto colonizado e submetido ao branco, que pode ser comparada ao momento em que a personagem sonha em se libertar do marido. Logo após, quando o marido da personagem morre vemos a conquista da independência de Moçambique, que, enfim, deixa de ser colônia de Portugal.

Assim como a personagem fica sem chão ao perder o marido, da mesma maneira o povo moçambicano fica desorientado, pois não tem mais imposições a seguir. Dessa maneira, vemos a personagem com sua

identidade deslocada, pois o que antes era seguro, cotidiano, torna-se instável. São essas as características identitárias do povo moçambicano na pós-colonialização, que vemos ilustradas através da personagem feminina no conto *O cesto.* São representações do cotidiano que nos dizem muito da situação dos marginalizados, pois ilustram o modo como são vistos pela sociedade e como lidam com suas diversas identificações (HALL, 2011).

Pretendemos,através do nosso estudo, colaborar para a consolidação da linha de pesquisa em estudos africanos, participando das discussões e auxiliando na consolidação dos estudos africanos e afro-brasileiros, e dar cumprimento à lei 11.645 de março de 2008, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estas leis estabelecem as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena. Para além das leis, é necessário compreendermos que essa produção necessita de visibilidade, que os estudos e produções acadêmicas podem propiciar aos alunos maior contato e reconhecimento de nossa cultura.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico.* Trad. Fernando Tomaz (português de Portugal). 7ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências.* Maringá: Eduem, 2007.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura.* Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano.* Petrópolis: Editora Vozes. 3ª ed: 1998.

COUTO, Mia. *O fio das missangas: contos.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Disponível em: <http://www.carlaportugues.com.br/site/wp-content/uploads/2013/03/COUTO-Mia-O-Fio-das-missangas.pdf>Último acesso em: 21 de out. 2015.

DUARTE, Constância Lima & DUARTE, Eduardo de Assis & BEZERRA, Kátia da Costa(Org.). *Gênero e representação na literatura brasileira: ensaios.* Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras Estudos Literários: UFMG, 2002.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Trad. PolaCivelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12802205/eliade-mircea-mito-e-realidadepdf-copyfight>. Último acesso em: 05 de ago. 2015.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Disponível em: <http://gepai.yolasite.com/resources/O%20Sagrado%20E%20O%20Profano%20-%20Mircea%20Eliade.pdf>. Último acesso em: 18 de março 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A editora. 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/179384552/identidade-cultural-na-pos-modernidade-Stuart-Hall-pdf>. *Último acesso em:*08 de abril 2015.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória.* Trad. Bernardo Leitão... [et. al.] Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Último acesso em:26 de jul. 2015.

[i]E-mail da autora: paulasantana1957@hotmail.com